

# Segurança Privada prova que é uma atividade essencial na pandemia

Segmento trabalha há décadas para ter a sua importância reconhecida. Mas, ao mesmo tempo, aumentou ainda mais a responsabilidade que o setor tem para com a sociedade

**Jeferson Nazário**  
21 de julho de 2020

DANILO VERPA/FOLHAPRESS



Segurança privado acompanha a retirada de carga de caminhão com alimentos

De um modo geral, todas as atividades econômicas, em menor ou maior grau, foram atingidas pela pandemia da Covid-19. Os efeitos foram os mais diversos, desde o aspecto financeiro devido ao fechamento do comércio, indústria, bares e restaurantes até a adaptação às novas normas de segurança dos colaboradores e clientes. Com a segurança privada não foi diferente. Mas a resposta e a adaptação tiveram de ser instantâneas.

Desde o primeiro decreto publicado pelo Governo Federal, ainda em março, a atividade está na lista de serviços essenciais. Acredito que, ao lerem isso, muitos devem pensar: “que benção”, “não podem reclamar”, “o faturamento foi mantido”. Calma! As coisas não funcionam bem assim.

Em primeiro lugar, não chamaria de “benção”, mas sim de reconhecimento da importância da Segurança Privada. A atividade é complementar à segurança pública, como peça fundamental na garantia da segurança dos brasileiros.

A essencialidade fica ainda mais evidente pelo fato de a segurança privada ser garantidora do funcionamento de outros serviços essenciais, como no caso dos bancos. São as empresas de transporte de valores que garantem o abastecimento dos caixas eletrônicos. A escolta armada assegura que produtos imprescindíveis sejam entregues a farmácias e supermercados.

A afirmação “Não podem reclamar” é, de certa forma, uma verdade. O segmento trabalha há décadas para ter a sua importância reconhecida. Ser incluído no restrito grupo de serviços essenciais não deixou margem para dúvidas. Mas, ao mesmo tempo, aumentou ainda mais a responsabilidade que o setor tem para com a sociedade.

Por fim, a questão do faturamento é uma falácia. Todos os números deixam claro que a segurança privada não cresce com aumento da violência, mas sim com uma economia forte. Cenário inexistente nesse momento.

Além disso, é preciso entender que, mesmo sendo essencial, o segmento não vive em uma bolha. Empresas e trabalhadores enfrentam todas as consequências da pandemia da Covid-19.

Ainda não é possível quantificar a extensão do impacto, as perdas. Da mesma forma, não se pode prever o que nos espera quando a tempestade passar. A sociedade estará mudada. As relações interpessoais também. Muitas dessas mudanças, assim como essa nova sociedade que vai surgir, devem influenciar diretamente o nosso segmento.

Na verdade, já têm influenciado. É preciso entender que as despesas aumentaram. Como está na linha de frente, a segurança privada precisou adotar medidas de segurança rígidas aos trabalhadores e ao público. Equipamentos de proteção individual como máscaras e luvas, além de álcool em gel, não integram o custo de nenhum contrato em vigor. Além disso, fornecedores desses materiais têm se aproveitado da situação para cobrar preços bem acima do real.

Outra situação delicada é o fato de que governos estaduais e órgãos públicos têm suspenso ou adiado o pagamento dos contratos. Quase todos se utilizam do argumento do estado de calamidade. Mesmo sem receber, as empresas têm consciência que não podem paralisar os serviços. Como disse anteriormente, a segurança privada, além de contribuir para a segurança da população, também é a responsável por garantir o funcionamento de outros serviços essenciais.

Para evitar qualquer tipo de prejuízo à população durante esse momento sem precedentes, as empresas têm tentado se readaptar aos novos custos, as novas necessidades. Tudo tem sido feito para se evitar demissões. Os programas oferecidos pelo governo têm sido utilizados. No entanto, ainda há muita dificuldade na obtenção de crédito, o que é fundamental nesse momento.

Há ainda questões práticas da prestação dos serviços, que já começam a ser modificadas. A integração entre a segurança pública e privada, e entre homens e “máquinas”, é ainda mais importante. Com as limitações de contato físico que poderão perdurar por muito tempo, essa adaptação será fundamental. Precisamos pensar em soluções, por exemplo, para controle de acesso a grandes eventos, inclusive como faremos as revistas (medição de temperatura, distribuição de máscaras e álcool em gel?). No dia a dia dos bancos, como iremos proceder?

Pela frente, não temos o enfrentamento apenas de uma crise econômica, como em 2008. Tampouco o problema afetará apenas um pequeno grupo de países, como ocorreu com o 11 de setembro de 2001. Desta vez temos um combo: saúde e economia, em nível mundial. Para piorar, a doença ainda oferece poucas informações. Logo, as decisões estão sendo tomadas “com o carro em movimento”. Saber o que é certo ou errado é um desafio diário.

Mesmo com todas essas situações, a segurança privada não tem fugido, nem fugirá à sua responsabilidade. Nossa principal missão é garantir a segurança e tranquilidade da população. E assim continuaremos. Não fugiremos à luta. Temos certeza que tudo isso vai passar e sairemos mais fortes.

#### **Jeferson Nazário**

Presidente da Federação Nacional das Empresas de Segurança e Transporte de Valores (Fenavist)

---

<https://backup.forumseguranca.org.br/economia-e-seguranca/-cg3es-cgaig>

